

CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: PRELÚDIOS PARA SE PENSAR A MULHER DOCENTE

RENATA NASINHAKA¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA ²

¹Universidade Federal de Pelotas – e-mail: renata.nasinhaka@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (orientadora) – e-mail profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se a sistematização de algumas ideias e possibilidades acerca da perspectiva teórico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica como via possível para se pensar a constituição social e identitária do (eu)ser-mulher. A partir de uma leitura de mundo sob as lentes dos femininos, ou seja, a partir do olhar crítico que nomeia e denuncia os sistemas de opressão/submissão que sustentam e articulam as relações de injustiça e desigualdades, representados pelos sistemas patriarcado-racismo-capitalismo-colonialismo. É possível oferecer um olhar sensível que considera as diferentes realidades, valoriza as subjetividades e as identidades. E, assim sendo, seja capaz de produzir sentido social, cultura, econômico, histórico e político.

Nesse contexto, quando se fala em movimento e/ou teoria feminista, se está pensando em uma dinâmica de resistência das mulheres, que criticam os papéis sociais e os simbolismos criados pelos sistemas de dominação/submissão em torno da figura da mulher. Características que definem as mulheres como algo ligado, estritamente, a feminilidade, a passividade e a indiferença, não se sustentam em um mundo crítico contemporâneo. Para tanto, pensar, de forma consciente o (eu)ser-mulher é considerar os contextos sociais, históricos, culturais, econômicos e políticos que atravessam as construções de gênero. É, em suma, ter consciência das relações de poder que se estruturam a partir das hierarquias construídas em torno do biológico, do binário e do dicotômico conceito homem-mulher.

Precipuamente, vislumbro a pesquisa (auto)biográfica como processo de narrar-refletir a vida, a formação e a constituição de si, a partir as próprias histórias. Nesse sentido, a autora Marie-Christine Josso (2016) aborda o processo (auto)biográfico como via de conhecimento e consciência de uma identidade evolutiva permeada pelos saberes epistemológicos do existencial e do essencial. Ainda, a autora reflete o potencial das pesquisas realizadas a partir das narrativas de vida que “coloca em evidência e que questiona as heranças, as continuidades e as rupturas, os projetos de vida, os múltiplos recursos relacionados às aquisições experienciais” (JOSSO, 2016, p. 59).

As pesquisas (auto)biográficas contam com inúmeros métodos e instrumentos que articulam e sistematizam as narrativas por meio do resgate de memórias, histórias e ideias. Esses movimentos cíclicos, revelam a descoberta da sensibilidade e das dinâmicas que ativam nossas memórias transformando-as em narrativas, revisitando histórias e proporcionando um processo de lembrar-narrar-conscientizar. O que é uma, das tantas, contribuições da pesquisa (auto)biográfica no campo da educação. Especialmente, quando a abordagem se destina a proposta de pesquisa-formação, pois,

A cadência de ouvir o outro [e a outra], escrever de si, ler o outro [e a outra], interpretar as si a ao outro [e a outra], conduz para uma responsabilidade processual que inaugura pensar a pedagogia em seu mais profundo compromisso de produzir conhecimento. A história de vida,

a narrativa, vai aparecendo não somente como uma descrição, mas como uma análise. E o pensamento analítico no campo pedagógico. (EGGERT, PERES, 2008, p. 24)

Além do processo sensível e afetivo que envolve o narrar-refletir sobre si, as pesquisas (auto)biográficas baseiam-se nas vivências e nas experiências. Contudo, cabe partilhar a diferenciação entre os conceitos e os desdobramentos reflexivos que ambos proporcionam. Para dirimir a questão, Josso (2009) afirma que “todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências” (p. 137). Contudo, é possível transformarmos uma vivência em experiência, para tanto, é preciso um processo reflexivo de (auto)conhecimento e significação do vivido, um processo de (trans)formação que analise as dimensões do nosso ser-no-mundo. E, conforme a autora afirma

As vivências constituem o tecido do nosso cotidiano. Nem sempre estas vivências ficam na nossa memória ou propiciam uma ocasião de aprender qualquer coisa recente que vai ficar, enquanto recurso novo, daqui para frente. Pode ser uma ideia nova, um comportamento novo, um saber-fazer num campo de atuação consigo mesmo, com os outros, em situações específicas, com objetos ou máquinas. É suficiente se referir às competências genéricas transversais, [...] para perceber que a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isso significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. (JOSSO, 2009, p. 137)

Porquanto, esses esclarecimentos conceituais mostram-se importantes, especialmente, quando se pensa no conhecimento de si e do mundo a partir do sujeito epistêmico e do sujeito biográfico. Transpondo a mesma análise para o campo dos feminismos, pensamos na produção de conhecimento epistêmico a partir do (auto)conhecimento das sujeitas. Assim sendo, memória e aprendizagem biográfica se entrelaçam estabelecendo uma relação harmônica e não dicotômica. Por conseguinte, conforme a autora Maria Conceição Passeggi (2016), a integração/interação entre sujeita e narradora, possibilita uma (re)tomada de consciência de seu papel social ativo, protagonista não apenas de sua história, mas consciente de sua atuação no contexto sociocultural. Assim sendo, “o sujeito [a sujeita] biográfico[a] se constitui pois pela narrativa e na narrativa, na ação de pesquisar, de refletir e de narrar: como ator [atriz], autor[a] e agente social” (PASSEGGI, 2016, p. 82).

2. METODOLOGIA

A pesquisa (auto)biográfica conta diversos meios ativos para registrar as narrativas e as histórias de vida. Neste sentido, Elizeu Clementino de Souza e Mariana Martins de Meireles (2018), classificam as múltiplas formas de expressão capazes de registrar o ato narrativo, em quatro espectros que refletem a escrita, a oralidade, o imagético e o digital. Dentro dessa perspectiva, pode-se pensar em inúmeras formas de registro e sistematização das narrativas, como exemplo, fotografias, entrevistas narrativas, memoriais, grupo de discussão, roda de conversa, documentação, cartas, diários, vídeos, arquivos digitais, dentre tantos outros.

A proposta da carta (auto)biográfica, surge a partir de uma memória nostálgica e afetiva, de um tempo passado, antes da comunicação digital. No qual, escrevíamos cartas manuais para pessoas queridas, não apenas como o intuito de comunicação, mas, especialmente, como uma forma de narrar vivências, experiências, histórias e memórias. Cabe lembrar que as cartas se diferem dos

diários e dos memoriais, pois, mesmo que ambos vissem a narrativa de histórias e o registro de memórias, as cartas possuem uma peculiaridade, que é o endereçamento a outrem. E, é nessa particularidade que reside sua singularidade. Cartas, são inerentemente destinadas a alguém, que pode ser uma ou várias pessoas, o que traz o caráter coletivo e plural para a narrativa. Haja visto que, a partilha de uma carta, parte de um momento pessoal-individual, para uma coletividade-plural. E, em uma primeira análise, viabiliza o caráter formativo-reflexivo do conhecimento de si.

Assim sendo, o método das cartas (auto)biográficas, quando utilizado por mulheres sob as lentes dos estudos de gênero e das teorias feministas, trazem a perspectiva experiencial, de narrar-refletir como parte de um processo singular-plural para pensar o (eu)ser-mulher no mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa aqui apresentada consiste na sistematização de ideias iniciais e conceitos chaves para a estruturação do estudo realizado no trabalho de Doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPEL). Para tanto, as elucubrações para a construção da tese articulam as cartas (auto)biográficas produzidas por mulheres docentes feministas com a (trans)formação das sujeitas a partir de um olhar sensível sobre episteme e conhecimento de si.

Nesse sentido, o estudo se encontra em fase inicial contemplando a pesquisa bibliográfica, e escolha do referencial teórico, a delimitação da pesquisa e a finalização do projeto. O objetivo geral é entender como mulheres docentes do ensino superior se constituíram como sujeitas e como feministas, para analisar os impactos que a (trans)formação e o conhecimento do (eu)ser-mulher causam nas suas práticas docentes. Para tanto, trabalha-se com a hipótese de que as docentes feministas pensam suas práticas a partir de uma visão de mundo crítica e consciente, pautada na busca por uma sociedade mais equilibrada, equitativa e solidária, oferecendo uma abordagem interseccional e pensando em uma formação humana, afetiva e de reconhecimento.

4. CONCLUSÕES

Preliminarmente, pensa-se que o estudo dedicado as narrativas de histórias de vida e formação de docentes feministas colabora para o conhecimento epistêmico e o reconhecimento ontológico dos saberes das mulheres. Nessa perspectiva, quando os estudos de gênero e os feminismos se entrelaçam no campo da pesquisa (auto)biográfica em educação, o que se espera é a construção coletiva de saberes singulares.

Em consonância, se assume o desafio de propor e legitimar pesquisas que pensem as sujeitas a partir de suas realidades, valorizando as subjetividades e as diferentes identidades. Além de uma visão interseccional que considere as opressões/dominações em suas totalidades, é preciso um olhar afetivo, que reconheça emoções e sentimentos dentro (e para as) pesquisas acadêmicas e científicas, sem que isso caracterize as pesquisas de gênero e de/com mulheres como menores, “perfumaria” ou inferiores. O fazer-ciência e o produzir-conhecimento são atividades que se constroem com a coletividade e o trabalho conjunto compartilhado. Assim sendo, as dimensões do sensível e do (eu)ser-

mulher no mundo proporcionam reconhecimento, identificação e comunhão, para que se pense em outras/novas formas de construir realidades a partir de um conhecimento de si, partilhado e (trans)formado(r).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade e Educação crítica. In: COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma (org.). **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 236-270.

EGGERT, Edla; PERES, Lúcia Maria Vaz. Conversando com Josso: encontros autoformadores. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 30, n. 0, p. 15-24, jul. 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. **@mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-139, ago/dez. 2009. Entrevistadora: Margaréte May Berkernbrock-Rosito.

JOSSO, Marie-Chistine. **Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (org.). A nova aventura (auto)biográfica – Tomo I. Porto Alegre: ediPUCRS, 2016. p. 59-89.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan. 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 73-118.

SAFFIOTTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Heloisa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49 – 81.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018.